

R e s e n h a

WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: Uma história. Alto Juruá – Acre, (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999, 291 p.

Por: *Cristiani Bereta da S. Luiz**

Esta é uma história de “Marias, Franciscas e Raimundas”, mulheres da floresta. Uma história que não apenas torna visível o papel feminino nos seringais entre os anos de 1870 e 1945, na região do Alto Juruá, Acre. Privilegia, sobretudo suas “maneiras de fazer”, suas práticas cotidianas, culturas e temporalidades diferentes.

A autora nos diz que a produção desta história foi como “*uma viagem no espaço e no tempo*”¹. E, talvez, desta forma o leitor deste livro se sinta como se estivesse embarcando numa viagem para conhecer melhor o país e pensá-lo sob outras nuances.

Nesta “viagem”, temos a oportunidade de perceber pluralidades temporais e espaciais deste imenso país, ou como prefere a autora, dos vários “Brasis”. A região do Alto Juruá descortina-se não apenas pela história dos migrantes nordestinos, levados para a região por firmas comerciais e por particulares que se apropriavam dos seringais nativos para a produção da borracha (aspecto significativo e vastamente explorado na história da região), mas porque, trouxe à cena homens e mulheres, evidenciando as maneiras pelas quais constituíram-se como sujeitos, as improvisações cotidianas, conflitos, ou reelaborações sociais e culturais, bem como as especificidades da sua formação familiar.

Pensando nestas relações, móveis, múltiplas, a autora procurou analisar a constituição de um sistema de relações de gênero que se baseia em estereótipos e convicções vigentes em nossa sociedade, sem deixar de observar as condições inusitadas impostas pela natureza da floresta e pelas condições de trabalho no seringal. Buscando perceber como se relacionam e se constituem os homens e mulheres nesta formação social, não deixou de notar as outras faces destas relações, como as que envolvem as questões do público e do privado, as etnias, o seringal e a cidade, os seringueiros e os patrões; relações marcadas por violências, preconceitos, tensões, mas também por estratégias, resistências, invenções e inversões de papéis.

Esta história é pensada através de referenciais historiográficos atuais. O diálogo presente/passado se estabelece a cada momento, fugindo da pretensa e falsa objetividade na história e de um relativismo absoluto, onde o passado seria irreduzível ao presente². Esta perspectiva de abordagem dá o principal tom acerca do tratamento da questão das

* Graduada em História pela UFSC. Mestranda em História pela UFSC. Orientadora Por^a Dra. Joana Maria Pedro.

¹ WOLFF, Cristina Scheibe. *Mulheres da Floresta: Uma história. Alto Juruá – Acre, (1890-1945)*. São Paulo: Hucitec, 1999, p. 10.

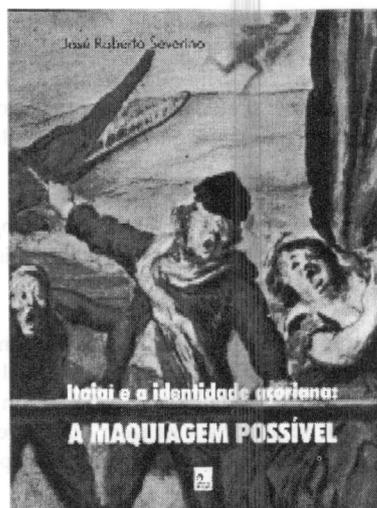
² Idem, p. 18.

mulheres, percebidas como sujeitos da história. O gênero, colocado como uma categoria de análise histórica, tem possibilitado perceber as variadas formas pelas quais se constituem homens e mulheres, consoante às diversas sociedades, aos diferentes grupos sociais, tempos e espaços. Além disso, a discussão entre natureza e sustentabilidade, à luz do tempo presente, é feita com muita propriedade, trazendo à tona um assunto que tem sido bastante discutido na atualidade, abordando, inclusive, as especificidades do papel feminino nestas relações.

Entre tantos aspectos significativos compõem os quatro capítulos deste livro, é de se destacar o tratamento que a autora deu às múltiplas opressões e violências com que as mulheres da região do Alto Juruá foram submetidas, fossem elas “cablocas”, ou não. No terceiro capítulo, quando discorre acerca das “correrias”, expedições de matança e aprisionamento de índios, onde muitas índias e crianças eram capturadas, Cristina procura tratar as mulheres, sobretudo, como sujeito, não apenas como objeto de sujeição ou de captura, mas também como mulheres que sofrem, que amam, que tem filhos, que são capazes de aprender e exercer atividades. *“Se perdermos esta perspectiva, caímos em uma vitimização da mulher indígena, que não oferece nada para o futuro, pois fala somente de derrotas, de subjugação e de esquecimento. Fazemos com elas mais uma violência...”*³

Assim, numa esmerada pesquisa, Cristina Scheibe Wolff, teceu o cotidiano das relações nas sociedades dos seringais, os papéis informais, as improvisações, as resistências de mulheres e homens, de índias e seringueiros. Nestas relações, muitas vezes de confrontos, raivas e amizades, novas maneiras de viver foram sendo construídas, mesclando elementos das culturas indígenas com elementos nordestinos, novas formas de improvisações culturais no cotidiano de convivência com a floresta. Trazendo outras formas de pensar as multiplicidades temporais e espaciais do processo de migração que ocorreram na região do Alto Juruá; procurando sempre perceber as relações, as relatividades, seja entre seringueiros e seringalistas, homens e mulheres, etnias, sustentabilidade e natureza; tentando sentir a história, ao invés de somente analisá-la, Cristina Scheibe Wolff nos traz uma bela e significativa história que muito tem a contribuir para a história das mulheres no Brasil, especialmente para aquelas do campo, agricultoras, às que vivem em florestas, índias ou não. Mulheres que certamente ainda se encontram à margem da produção historiográfica, como sujeitos históricos.

³ Ibidem, p. 167.



R e s e n h a

SEVERINO, José Roberto, *Itajaí e a Identidade Açoriana: a maquiagem possível*. Itajaí: Editora da Univali, 1999, 218 p.

*Francisco Alfredo Braun Neto.*¹

José Roberto Severino nos convida a desafiar aquilo que se estabelece como monolítico, principalmente no que tange à invenção da identidade açoriana em Itajaí, através da Marejada: Festa Portuguesa e do Pescado, forjando uma identificação com o litoral, com o porto. A festa constitui uma representação da cidade, o que pode causar um certo estranhamento.

Esse livro é fruto desse estranhamento, ou mesmo, como sugere o autor *...é fruto de um misto de curiosidade e indignação*. (p. 35), desse misto que nos encoraja a tornar temas silenciados nos arquivos etc., em possibilidade de problematizá-lo e dar a ele historicidade. Com uma escrita agradável, o corpo do texto divide-se em três capítulos, que mantêm uma certa independência entre si, mas se ligam pela discussão da forma como se construiu em Itajaí a idéia de uma cidade detentora de um status de açorianidade.

Severino busca elementos para entender como que a criação da Marejada em Itajaí, além de ser uma tentativa de colocar a cidade no roteiro das festas de outubro, acabou por inventar uma identidade para cidade. No texto, observa-se os investimentos feitos pelos órgãos públicos municipais para instituir ou mesmo legitimar a festa, onde o homem do litoral passa a ter uma imagem positiva, sendo que o mesmo no início do século era

¹ Graduado em História pela Univali e mestrando em História ingresso em 1998. Orientadora Profª Maria Bernadete Ramos Flores.

visto como portador de uma "indisposição" para o trabalho.

Na tentativa de positivar o homem do litoral e inventar uma identidade açoriana para Itajaí, o autor observa como os investimentos junto à educação com cartilhas escolares, em loterias etc., vão inscrevendo, na cidade, a idéia de uma cultura açoriana "resgatada" de um passado longínquo.

A cidade passa a ser escrita ou rescrita pela festa que ...propõe, ou impõe um passado monolítico, 'inventado' e produzindo uma tradição açoriana, constituindo uma identidade que se pretende comum a todos (p. 90).

Esse comum a todos é que faz o autor buscar a parte submersa do iceberg, (como nos sugere Paul Veyne), ao ir à Itajaí da Primeira República, percebe uma outra representação, onde as elites políticas da cidade estão sintonizadas com os ideais de modernidade e civilidade. Isso se articula a imagem do empreendedor relacionado ao imigrante alemão, onde o grupo que se identifica com essa representação se contrapõe ao homem do litoral, visto como "indolente" e "preguiçoso".

As elites econômicas e políticas, fazem da cidade o seu palco de distinções e sociabilidade, também escrevem suas representações acerca da identidade, ruas, praças etc., ganham nomes como Bauer, Konder, Asseburg, Malburg, etc., além do clube caça e tiro e escola alemã. Esta é a cidade a qual José Roberto percorre suas filigranas, uma tensão entre dois momentos que se procurou inventar uma determinada identidade, excluindo outras identidades étnicas ou culturais, que são séries de discursos sobre a mesma cidade em tempos diferentes (p. 134).

No final do século XX, constrói-se um caráter homogeneizador da cultura em Itajaí com a Marejada vai tornar o homem do litoral virtuoso, *simples e lutador* (p. 134). Este passa a ser símbolo do progresso, relacionando ao mar, ao porto e ao trabalho. Desse entrecruzamento percebe-se a positivação de uma prática cultural, articulada a invenção de uma herança cultural, que não corresponde ao modo de representá-la anteriormente.

É nesse campo simbólico que o autor conduz sua narrativa, no trabalho de desmonte de uma identidade, que se estabelece como legítima de uma cidade, sem levar em conta a diversidade étnica e cultural. Talvez, possa dizer que o caminho percorrido pelo autor nos mostra como que a criação de uma festa procurou maquiagem uma determinada "realidade", pois a invenção de uma identidade açoriana fez-se escrever uma outra cidade, uma "maquiagem possível".